



Curso de Introdução à Historiografia da Psicologia: Apontamentos para um Curso Breve

Introductory Course to Psychology's Historiography: Notes for a Brief Course

Josef Brožek

Lehigh University, Bethlehem
United States of America

Editor

Marina Massimi

Universidade de São Paulo
Brasil

Parte Segunda

Da Descrição à Interpretação (1)

A Historiografia começa com o relato de algum fato, contextualizado em seu contexto temporal e espacial. Trata-se porém de um relato que não apenas narra o fato mas também busca explicá-lo. Por exemplo, busca-se responder a perguntas do tipo: Por que o fundador da Psicologia Experimental foi Wundt, e não o Helmholtz? Quem estabeleceu o primeiro ou pelo menos um dos primeiros laboratórios de Psicologia Experimental? Porque estes inícios ocorreram na Alemanha e não por exemplo na França ou nos Estados Unidos? Por que os americanos responderam tão positivamente a Wundt e aos seus *Fundamentos de Psicologia Fisiológica* (1873-74) – esboço de uma psicologia construída segundo o modelo da fisiologia experimental – e pelo contrário foram pouco receptivos, e até esquecidos, com relação à sua proposta de uma psicologia sociocultural chamada por Wundt de *Voelkerspsychologie*, a Psicologia dos Povo? Wundt levou em grande consideração esta área da Psicologia à qual dedicou os últimos 20 anos de sua vida, chegando a produzir dez grandes volumes, que permaneceram *terra incognita* na América.

No trabalho histórico, chegar à explicação é mais desejável do que permanecer no plano da mera descrição. Ao mesmo tempo, porém, elaborar uma explicação satisfatória, não é tarefa fácil. Em primeiro lugar, sobrevivem apenas fragmentos do passado. Não é possível pretender reconstruir um quadro de algo que passou, caracterizado pela continuidade, pela coerência e pela ordem. Raramente ou às vezes em nenhum caso, podemos fornecer soluções aos problemas históricos, que sejam totalmente satisfatórias.



Podemos reconstruir o meio social, econômico, político, cultural e científico de um autor, mais facilmente do que seu mundo interior e o lugar que ele pessoalmente ocupa neste ambiente comum. É muito difícil, senão impossível, podermos determinar com certeza os motivos que movem as outras pessoas.

Talvez, no trabalho histórico, seja melhor falar em condições e não em causas. Pois, a categoria de "causas" tem uma significação fisicalista: a causalidade sugere a existência de antecedentes que invariavelmente devem ser seguidos por determinados efeitos.

No que diz respeito ao domínio da Psicologia, eu sempre preferi o modelo geral de conduta proposto por Woodworth (S-O-R, estímulo-organismo-resposta), ao modelo S-R (estímulo-resposta) do behaviorismo clássico.

O modelo de Woodworth tem a vantagem do paralelismo com as três categorias de dados históricos: 1. os fatos que concernem a ocorrência de um evento; 2. os fatos acerca das pessoas que participam do evento; 3. os fatos que se referem propriamente ao evento.

Alguns historiadores acham proveitoso diferenciar entre duas categorias ou classes de condições: 1. os antecedentes e 2. os agentes "precipitantes". Os "antecedentes" são as condições gerais, que tornam possível a ocorrência de um evento; os "precipitantes" são as condições específicas, particulares, que tornam o evento inevitável. Na perspectiva do modelos S-O-R de conduta, os "eventos" são condicionados por processos de estimulação externa e de estimulação interna (percepções, crenças, aspirações, expectativas).

Em síntese: as interpretações (explicações) dos historiadores baseiam-se na coleta, na análise e na síntese de dados (evidências), de um grau de exatidão e de confiança verificado, escolhidos com base numa hipótese a ser comprovada ou rejeitada. Os fatores não podem ser estudados como se fossem isolados, mas como partes de um sistema dinâmico de condições que determinam a conduta.

Perspectivas largas: Historicismo versus Presentismo

Os historicistas enfatizam a compreensão de uma idéia, de um autor ou de uma abordagem, no seu contexto temporal de origem. Eles cuidam de eliminar qualquer tipo de interpretação, baseada no contexto presente. Por exemplo, o uso de conceitos e termos da Psicologia contemporânea, como "funcionalismo", "evolução", "condicionamento", para descrever e compreender o pensamento de épocas passadas, leva facilmente ao anacronismo, à simplificação exagerada do processo histórico e finalmente à interpretação errônea.



Uma visão retrospectiva do passado, baseada nas teorias e nos modelos contemporâneos, pode levar a julgar conceitos e métodos próprios dos conhecimentos psicológicos do passado, como "ingênuos". Da mesma forma, as futuras gerações, poderão rotular nossas concepções e práticas psicológicas.

O presentismo insiste no valor do passado em função do presente, mas desse modo facilmente desrespeita o passado e torna-se um "vício" historiográfico. Com efeito, não podemos escolher do passado apenas as idéias que nos parecem antecipar o presente. Esta estratégia tem seus aspectos positivos, seus interesses e méritos, mas também incorre em algumas graves limitações e sérios riscos. Há, entre outros, o perigo do historiador presentista produzir um relato que é nada mais nada menos que uma ratificação e apologia do presente. Nesta ótica, a marcha da história é apresentada como um processo contínuo de um passado ignorante para os conhecimentos profundos e inevitáveis do presente. Nossos antepassados são considerados simplesmente como nossos precursores.

Mas é verdade que hoje vislumbramos um caminho claro e seguro que nos conduz a um futuro cheio de esperança, seja no que diz respeito à ciência, seja no que diz respeito à vida política? Infelizmente, as coisas não são assim. Como indivíduos, como membros de associações de psicologia, como membro da sociedade, estamos mais conscientes de termos muitas alternativas, do que certos de um caminho seguro para o futuro.

Em suma, para mim, ambas as abordagens têm seus aspectos positivos e seus perigos e limitações. Alguns preferem considerar a história como um conjunto de fatias, horizontais, verticais, coloridas, vibrantes, suculentas. Outros preferem ver a história como uma reconstrução vertical de temas e tendências a serem escolhidos.

Modelos de História

Consideramos quatro modelos de historiografia, que têm sido aplicados no âmbito da história da psicologia:

1. o *Zeitgeist* – o espírito do tempo;
2. os Grandes Homens
3. a abordagem psicanalítica ou da psichistória
4. a abordagem multifatorial.

1. O *Zeitgeist*

Podemos traduzir este termo alemão com a palavra "espírito"(ou índole) do tempo.



Wolfgang Goethe – poeta e pensador alemão – definia *Zeitgeist* como um conjunto de opiniões que dominam um momento específico da história e que, sem que nós nos apercebamos – de modo inconsciente, determinam o pensamento de todos os que vivem num determinado contexto.

Menos poeticamente, utilizando-nos de uma terminologia própria da antropologia, podemos falar em “cultura contemporânea” ou “cultura do nosso tempo”. Tratam-se de conhecimentos, crenças, atitudes, de pessoas que vivem num tempo e num lugar específicos.

Na língua alemã, o conceito de *Zeitgeist* é menos abstrato, mais ligado à realidade concreta e assume quase as feições de um agente protagonista da história. O *Zeitgeist* não apenas caracteriza e descreve, mas também determina e controla a conduta das sociedades humanas num tempo e num lugar específico.

Trata-se de um conceito explicativo cujo valor para a história científica tem sido amplamente discutido. Foi o conceito preferido por Edwin G. Boring, o grande historiador da psicologia norte-americana.

Segundo este modelo historiográfico, o *Zeitgeist* produz idéias (por exemplo, o conceito de gravitação na física mecânica), instituições (como editoras e periódicos), e movimentos científicos (como a Psicologia Experimental). O *Zeitgeist* é o fator responsável por todos os acontecimentos. Se o fundador da Psicofísica, G.T. Fechner não tivesse realmente existido como figura histórica, os tempos, o *Zeitgeist*, produziria um substituto dele, o qual desenvolveria o mesmo papel. Mesmo se Wilhem Wundt não tivesse existido, a Psicologia Experimental seria institucionalizada em outro lugar por outra pessoa. Poderíamos dizer que a idéia “*pendia no aire*”: Os tempos estavam prontos para que a institucionalização da psicologia científica ocorresse.

Os homens, inclusive os grandes homens, seriam agentes do Agente Máximo: o *Zeitgeist*.

Não riam, por favor! Pois uma tal perspectiva, não é totalmente sem mérito. Está claro que todos, todos estamos mergulhados num ambiente lingüístico, sócio-econômico, cultural, político, específico. O *Zeitgeist* constitui-se numa metáfora eficaz para significar esta realidade. Simplifica e unifica o relato histórico. Infelizmente, porém, as metáforas são utilizadas no âmbito da poesia e não da ciência. O conceito de *Zeitgeist* sugere a existência de um demiurgo, de um demônio que manipula as cordas da história, gerando e aplicando forças.



Na realidade, o *Zeitgeist* é uma construção hipotética, um modo elegante de interpretar a conduta dos indivíduos e dos grupos de indivíduos. No fundo, trata-se de um esquema interpretativo da história e como tal é útil na reconstrução e na compreensão dos eventos históricos. Não consegue porém explicar os eventos históricos, por exemplo não dá conta de explicar o estabelecimento do Laboratório de Psicologia Experimental em Leipzig em 1879. Trata-se de uma simplificação exagerada e excessiva do processo histórico.

Todavia, a idéia de *Zeitgeist* é útil para lembrar-nos que os conhecimentos, as opiniões, os dogmas do momento histórico presente (por exemplo, o behaviorismo, ou outros "ismos"), formam uma parte e uma parte importante, de nossa existência. Compõem o conjunto dos estímulos aos quais os homens, inclusive os Grandes Homens, respondem.

2. Os Grandes Homens

O Conceito de *Zeitgeist* sugere a existência de uma "alma coletiva". O conceito de "Grandes Homens" situa-se no pólo oposto. Segundo este modelo, os criadores da história seriam homens e mulheres excepcionais.

3. Abordagem psicanalítica ou da psichistória

Em última análise, toda a história é "psichistória", considerada como o estudo do comportamento de homens e de grupos de homens. Neste caso, falamos de "psichistória" num sentido geral, sem nos limitarmos à interpretação psicanalítica, freudiana da história.

Infelizmente, a psicologia não foi capaz de oferecer aos historiadores um modelo de personalidade que seja útil para a reconstrução histórica.

Com efeito, a psicologia científica enfatiza o estudo de leis gerais do comportamento, ao passo que a história está interessada no comportamento dos indivíduos.

Recentemente, emergiu uma variedade de propostas de psichistória, muitas vezes apresentadas como A psichistória, baseadas na psicanálise. A psicanálise tem conotações que fizeram dela uma abordagem especialmente atraente para os historiadores. Pois ela tem raízes no estudo dos casos individuais e propõe um esquema interpretativo unificado de comportamento do cliente. O mesmo Freud pode ser considerado o primeiro historiador de orientação psicanalítica, na elaboração do texto *Leonardo da Vinci: Um estudo da personalidade*, publicado em 1947 em língua inglesa, e em língua alemã em 1910. A versão alemã tem um título mais modesto e instrutivo: *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci*, ou seja uma lembrança de Leonardo da Vinci.



Existe um perigo real de que o relato psicanalítico se torne, conforme diz Hugh Trevor-Roper, (Reinventing Hitler, *Sunday Times*, London, 18 de fevereiro de 1973), um "conto de fadas clínico". Ao invés de basear-se nos fatos e proceder cautelosamente na interpretação da evidência até chegar às conclusões, os historiadores da escola psicanalítica recriam os fatos a partir de suas teorias.

Freud fundamenta seu relato nas fantasias da infância de Da Vinci. A escassa informação existente é interpretada de modo demasiado gratuito. A psicanálise não proporciona um modelo satisfatório para a análise histórica, apesar da psichistória representar uma perspectiva sedutora.

4. A perspectiva multifatorial

Os eventos históricos assim como todos os eventos concernentes à conduta humana, são complexos. Este fato sugere a necessidade de utilizarmos uma metodologia pluralista. O modelo deve prever uma pluralidade de estratégias. O modelo dirige a atenção do historiador para variáveis que podem ser examinadas empiricamente e analisadas de modo satisfatório, e que se constituem numa base válida para a síntese histórica. Devem ser considerados seja o Ator, seja o Contexto do evento histórico.

R.F. Berhoffer em seu livro *A behavioral approach to historical analysis (Uma Abordagem Cultural para a Análise Histórica*, New York: Free press, 1969), especifica que a tarefa primeira de uma análise histórica deve considerar a situação em que o ator se encontra, a sua interpretação acerca da situação e as suas atividades dentro da situação. Não podemos esquecer que os indivíduos atuam uns sobre os outros e deste modo geram atividades coletivas.

(Final da parte II. Continua)

Notas

(1) Revisto por Paulo Roberto de Andrada Pacheco, mestrando em História das Idéias Psicológica, da FFCL/RP, Universidade de São Paulo.



Brožek, J. e Massimi, M. (ed.). (2002) Curso de Introdução à Historiografia da Psicologia: Apontamentos para um Curso Breve. *Memorandum*, 2, 103-109. Retirado em / / , do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/brozek02.htm>.

Nota sobre o autor

Josef Brožek é Professor de Psicologia e Pesquisador aposentado da Lehigh University, Bethelehem nos Estados Unidos. Nascido em 1913, na cidade de Melnik, na Bohemia, naturalizou-se americano em 1945. É PhD pela Charles University, em Praga, na Tchecoslovaquia. Assumiu diversos cargos universitários na Europa e EUA, desde 1936, entre eles no M.I.T. (Massachusetts Institute of Technology), de 1980-1981. Autor de vários trabalhos, destacam-se os relativos a Comportamento na Desnutrição e História da Psicologia. É um dos pioneiros da História da Psicologia Moderna como área de pesquisa.

Nota sobre o editor

Marina Massimi é Livre Docente e trabalha junto ao Departamento de Psicologia e Educação na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, Brasil. Especialista na área de História das Idéias Psicológicas na Cultura Luso-Brasileira. Contatos: mmarina@ffclrp.usp.br.